

Investir na crise

20 JAN 1983

EDUARDO BRITO

Editor de Economia

CORREIO BRAZILIENSE

Fala-se muito no balanço de pagamentos, na dificuldade de captar recursos, nos baixos preços das commodities, mas alguns dos sérios problemas que estão ocorrendo aqui mesmo, dentro do país, recebem atenção muito menor. E o que constatava ontem um importante empresário de São Paulo, para apontar o que, em sua opinião, constitui o principal indicador de que a situação econômica é ainda mais grave do que se acredita e que as esperanças de recuperação rápida diminuem. "Ninguém mais está investindo" - assegura ele.

O baixo nível de investimento, na verdade, é um problema crônico em todo o Terceiro Mundo. Exatamente por isso, os países em desenvolvimento têm recorrido - ou melhor, vinham recorrendo de forma crescente à poupança externa, tomando recursos no mercado internacional, em um processo que se acentuou a partir do primeiro choque de aumento nos preços do petróleo. Fosse para fazer frente a essa conta ampliada, fosse para investir em projetos nacionais, os países em desenvolvimento endividaram-se.

"Não se violam leis econômicas, como não se violam leis naturais" dizia o empresário. O fato verdadeiramente importante, na sua opinião, é que a poupança interna alcança índices incompatíveis com o potencial e com a produção nacionais. Essa poupança, mostra ele, não tem crescido, mesmo em anos considerados bons em termos econômicos, como em 1980, quando o PIB andou em ritmo de milagre brasileiro.

A inflação, lembra, constitui



uma forma de poupança induzida. Todo mundo sabe que, com ela, alguns perdem e outros ganham. Perdem, por exemplo, os assalariados, que devem aguardar certo tempo para a reposição - quando ocorre de seu poder aquisitivo. Ganha, entre outros, o Governo. Assim, o uso de recursos inflacionários como a emissão de moeda para financiar a ação governamental representa, na verdade, a criação de uma poupança compulsória. O Governo tem como financiar seus projetos, mas à custa de uma compressão da receita real de parte da população.

É evidente que esse não representa todo o problema, assim como não foi esse recurso que evitou o recurso à poupança externa. Mas porta-vozes categorizados do Governo admitem que os gastos governamentais constituiram a principal pressão inflacionária do ano que passou. Subsídios, repas-

Economie - Brasil

ses às estatais, despesas com a máquina administrativa elevaram esses gastos, que agora o Planalto procura cortar, conforme se prometeu ao FMI. Isso, aliás, demora algum tempo a fazer efeito, tanto assim que já se tem como certo a volta da inflação, ainda que por curto prazo, à casa dos cem por cento.

A inflação, porém, está na raiz do descrédito da moeda nacional, raciocina o empresário. "Há algum tempo, sete ou oito anos, era possível trocar cruzeiros em Roma ou Londres, enquanto hoje isso só acontece em algumas cidades paraguaias e argentinas" - constata ele. Na verdade a maioria das moedas fortes não tem lastro e, apesar disso, são aceitas. Já o pobre cruzeiro, ninguém o quer. Se tivesse um pouco de aceitação, ao menos um dos graves problemas atuais, a ameaça da chamada crise cambial, estaria em parte exorcizada.

E aí, para esse importante empresário de São Paulo, que reside o ponto crítico das dificuldades brasileiras. E aí que está, em sua opinião, a raiz da incerteza que alcança todos os setores da economia. "Se o governo está cortando os investimentos de suas empresas, as estatais, os empresários estão cortando muito mais, ainda que por motivos diferentes" afirma ele.

O problema maior, para se restabelecer os investimentos, é, a curto prazo, enxotar a incerteza. A médio e longo prazos, porém, a única solução para esse crônico problema está em aumentar a poupança nacional. Resta ver quem deve ter seu consumo comprimido para que isso aconteça.